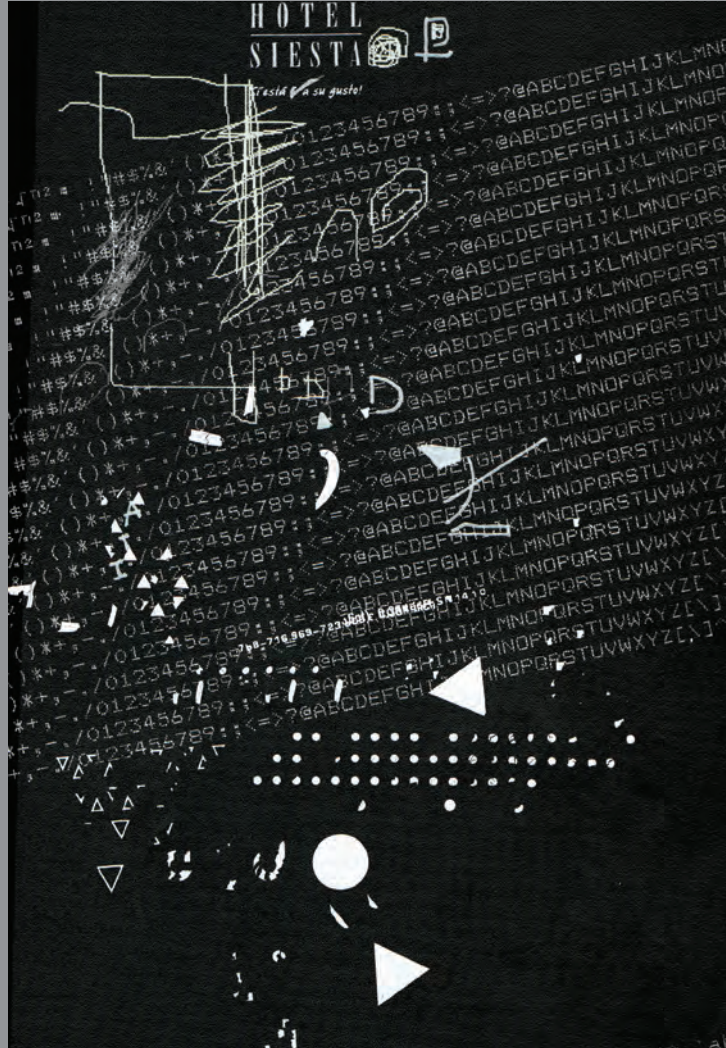


Feliciano de Mira

# HOTEL SIESTA



Oficina do Espírito

Palimage

A Imagem e a Palavra



# **HOTEL SIESTA**

Coimbra | 2017

20 Palimage

Colecção Palavra Poema

[www.palimage.pt/colecao/pp/](http://www.palimage.pt/colecao/pp/)



TÍTULO

Hotel Siesta

AUTOR

Feliciano de Mira

© 2017 Terra Ocre e Feliciano de Mira  
Direitos reservados por Terra Ocre – unip. lda.

CO-EDIÇÃO

Palimage	Oficina do Espírito
Apartado 10032 – 3031-601 Coimbra	Rua do Espírito Santo, 3
<a href="mailto:palimage@palimage.pt">palimage@palimage.pt</a>	7040-056 Arraiolos
<a href="http://www.palimage.pt">www.palimage.pt</a>	<a href="mailto:oficinadoespirito@hotmail.com">oficinadoespirito@hotmail.com</a>

ISBN: 978-989-703-188-5

Dep. Legal: 434317/17

ISBN VERSÃO EBOOK: 978-989-703-208-0

 PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE – EDIÇÕES

**Feliciano de Mira**

# **HOTEL SIESTA**



Oficina do Espírito

**Palimage**  
*A Imagem e A Palavra*



# **I - Hotel Siesta**





**Belo Horizonte, Ago. 1993** – Quando senti que a desconstrução global começava a tomar conta do mundo, abri a palma da minha mão esquerda e vi sair o reflexo incandescente das pedras vulcânicas de El Salvador Centro América. Eram pedras de um passado misterioso e exótico que os antigos Maias adoraram e que lhes ensinaram as três diferentes contas do tempo<sup>1</sup>. Minutos depois, sou informado de que a minha próxima missão vai ser no Programa de Reinsercion Y Fomento de Empleo para Desmovilizados da Secretaria de Reconstruccion Nacional em El Salvador Centro America. A ARENA-Aliança Republicana Nacionalista e a FMLN-Frente Farabundo Marti de Liberation Nacional assinaram no México os Acuerdos de Chapultepec (16, Janeiro/1992) e a sua execução, inclui a passagem para uma nova vida dos desmobilizados da guerra civil de ambas as partes. Já estou a pensar em castelhano enquanto escuto as vozes do “livro de horas” onde todas as preces dos gritos dos mortos estavam escritas: quando tu chegas ou a guerra acabou ou está para começar<sup>2</sup>.

**Entre Madrid e Miami, Set. 1993** – Em Portugal respira-se à direita e à esquerda a

---

<sup>1</sup> No calendário Maia transcorrem simultaneamente 260 dias; 365 dias; 5.125 anos. Em 21 de Dezembro de 2012 é o final do grande ciclo ou conta-longa

<sup>2</sup> Assim tinha acontecido para Moçambique, Angola e Etiópia.

alegre boa-aventura da integração europeia e todos seguem cantando e rindo de vento em pôpa. Depois de uma breve passagem para reencontrar a heróica família, a Menina tem quatro anos de idade, estou outra vez a voar para Miami no meio de altas medidas de segurança e de polícias à civil, desconfiados de todos e deles mesmos. Em direção ao Triângulo das Bermudas, onde aviões e barcos são desviados das rotas para desaparecerem nos mundos misteriosos do centro da Terra, tenho por companheiro de viagem Eduardo Galeano, autor de *“Las venas abiertas da América Latina”* que sussurrava-me ao ouvido os motivos da longevidade da ditadura militar salvadorenha, que desde 1930 sobrevivia como um pneu furado, num território tão “tchitikite” como El Salvador Centro América. As maiores resistentes eram as deliciosas popusas, designação em lingua nahuat para uma torta feita com massa de milho ou arroz, recheada de queijo, feijão, carne de porco ou frango (chicharrón) e que podemos comer acompanhada de repolho e molho de tomate. Como é maravilhoso ouvir os livros a falar, com a cabeça mais próxima do céu e da lua sem os pés estarem assentes na terra, mantendo-me concretista e progenitor de verdades poéticas de outra-tradição.

**Miami, Set. 1993** – A primeira grande sensação visual do novo mundo foram os cachorros a farejar o corpo e as bagagens, o exibicionismo da polícia de fronteiras que tinha umas unhas

pintadas de vermelho e tão compridas que enrolavam até ao pulso. Tinham-me avisado em criança que as unhas são venenosas, pelo que fiquei surpreendido pelo arrojo da agente de autoridade desafiar assim o vocabulário da saúde pública. E numa linguagem oblíqua, cumpro as formalidades da emigração, agora havia de percorrer mais uns corredores, atravessar as malhas da extenuante publicidade, umas passadeiras e mais outras escadas rolantes para testar o ritmo cardíaco, até chegar ao balcão da American Airlines para fazer um novo check-in. Quando estava prestes a terminar este procedimento, sou informado de que deveria cancelar o embarque. Um grupo de guerrilheiros aproveitou a siesta dos vulcões, e recusa aceitar as condições de acantonamento. Tinha-se amotinado e bem armado controlava a estrada entre o aeroporto e a capital, San Salvador. Eu estou informado que depois dos milhões de dólares gastos pelo governo americano a apoiar as tropas da ARENA sem qualquer benefício para a população, e das falhadas ofensivas finais da FFMLN, teve de ser um expressivo terramoto a obrigar as partes beligerantes a sentarem-se à mesa de negociações. Como já tinha ficado à espera de Godot, cumpro as instruções e comecei a procurar formas de desafiar a espera do não-lugar. Estou instalado no Miami International Airport Hotel situado no Terminal Concourse-E) enquanto aguardo nova autorização para embarcar. E durante três dias desenho uma cartografia de sorrisos e olhares

trocados com mulheres bonitas, leio a imprensa mundial, experimento runs de boa qualidade. Nesta etnografia de sensações entrego a cabeça a um barbeiro cubano cheio de anéis de ouro nos dedos, de aspeto semelhante a *“Company Segundo”*. Enquanto os caracóis do meu cabelo tombavam indefesos no chão ao som ritmado do tilintar da tesoura, contou-me que tinha saído de Cuba por causa do Fidel Castro e apresentou mil argumentos para o seu anti-castrismo. Esta situação acentuou a linha divisória dos dois cheiros que encontramos nos aeroportos: o cheiro à chegada e o cheiro à partida. Quando se fica muito tempo dentro de um aeroporto o olfacto deixa de funcionar e ficamos desprotegidos. Entretanto, as pedras do Izalco Ilamatepec ou Lhamatepec, em língua pipil, voltaram a mudar de cor. O mau presságio que cresce da cavidade da cratera, obriga a tomarmos decisões rápidas, sair dali e partir, ou aguardar as asas azuis dos anjos protetores. Durante a noite apareceu-me um corvo e decido ficar para escrever mais tarde em Paris: Se amas os pássaros deixa que te confie um segredo. Se amas os pássaros deixa-los partir pelos céus do mundo, é a tua maior prova de amor.

**El Salvador Centro América, Set. 1993** – Ao atravessar a pista de acesso ao hangar do Aeroporto de Comalapa, perdi a pulseira de espinha de peixe, feita pelos índios Kamaiurá do Alto Xingu, que me deveria acompanhar e proteger. Mais tarde vim a perceber de que se

tratava de um aviso premonitório de má-sorte. Um mau-olhado de invejas e ciúmes fora-me arremessado por gente sem caráter. Acusei o toque mas segui, observando a paisagem da mesquinhez e dos ruídos, com o jeep carregado de malas e equipamentos. Assim atravessámos incólumes as barragens dos guerrilheiros amotinados, mais interessados em mostrar as armas do que em verificar o que transportávamos. Apenas quando já dentro da cidade desembocámos em San Benito, somos confrontados com uma forte manifestação de camponeses. As mulheres e os homens vestem roupas coloridas e fazem gestos abertos, protestam na rua contra os assassinatos dos *Escuadrones de la Muerte* e exigem a reforma agrária. O movimento da tuba e as palavras de ordem atemorizam o pessoal da embaixada alemã, assustados com a energia dos querubins. Estamos imobilizados à entrada da Avenida de la Revolucion que nos leva, reto, até ao Hotel Presidente onde devemos ficar alojados. Os milhares de manifestantes que desfilam sabem muito bem o que querem, o que já sofreram e que desafios enfrentam. Apesar do cansaço da viagem, as circunstâncias e a minha memória alentejana juntaram-se, para em inspirada arrancada sair do jeep e viver a luz da rua. Misturei-me entre as pessoas que me olhavam com simpatia e passados uns 500 metros desaguei no jardim do hotel. Depois foi atravessar o cordão de segurança e alcançar a recepção até cair na cama do quarto. O corpo necessitava de repouso, porém sou acordado

pelo som do telefone e convocado para um briefing, onde um perito em segurança informa que estamos interditos de sair do hotel. Depois de uma passagem revigorante pelo bar, fui assistir da varanda do meu quarto aos discursos políticos da vigília de protesto que ocupava a frente do hotel, intercalados por missas celebradas por mais de dez padres com hóstias feitas de pão que a guerrilha amassara. Os paramentos dos sacerdotes têm adornos com uma forte presença do anil de Jiquilite ou Xiuhquilit (na língua Nahuatl); faziam-se sentir a presença dos departamentos de San Miguel, Chalatenango e San Vicente. Os ensinamentos de um Deus misericordioso rendiam tributo às lutas dos pobres.

**El Salvador Centro América, Set. 1993** – Os protestos continuam e passados dois dias, ainda não conseguimos trabalhar. O imponente Hotel Presidente serviu de *head-quarter* dos conselheiros americanos, que dali dirigiram os contra-ataques das forças governamentais durante a “Ofensiva Final” de 1989. Dentro de dias no mesmo hotel vai a ARENA realizar a sua convenção nacional. O lugar é emblemático e incompatível para a nossa atividade. Os *escuadrones*<sup>5</sup> continuam a matar dirigentes

---

<sup>5</sup> Os Escuadrones de la Morte de El Salvador estavam divididos em grupos que tomaram diferentes designações: Brigada Anti-Comunista Maximiliano Hernández Martínez; Frente Político Anti-comunista; Asociación Patriótica Libertad o Esclavitud; Brigadas Proletarias Salvadoreñas; Brigada

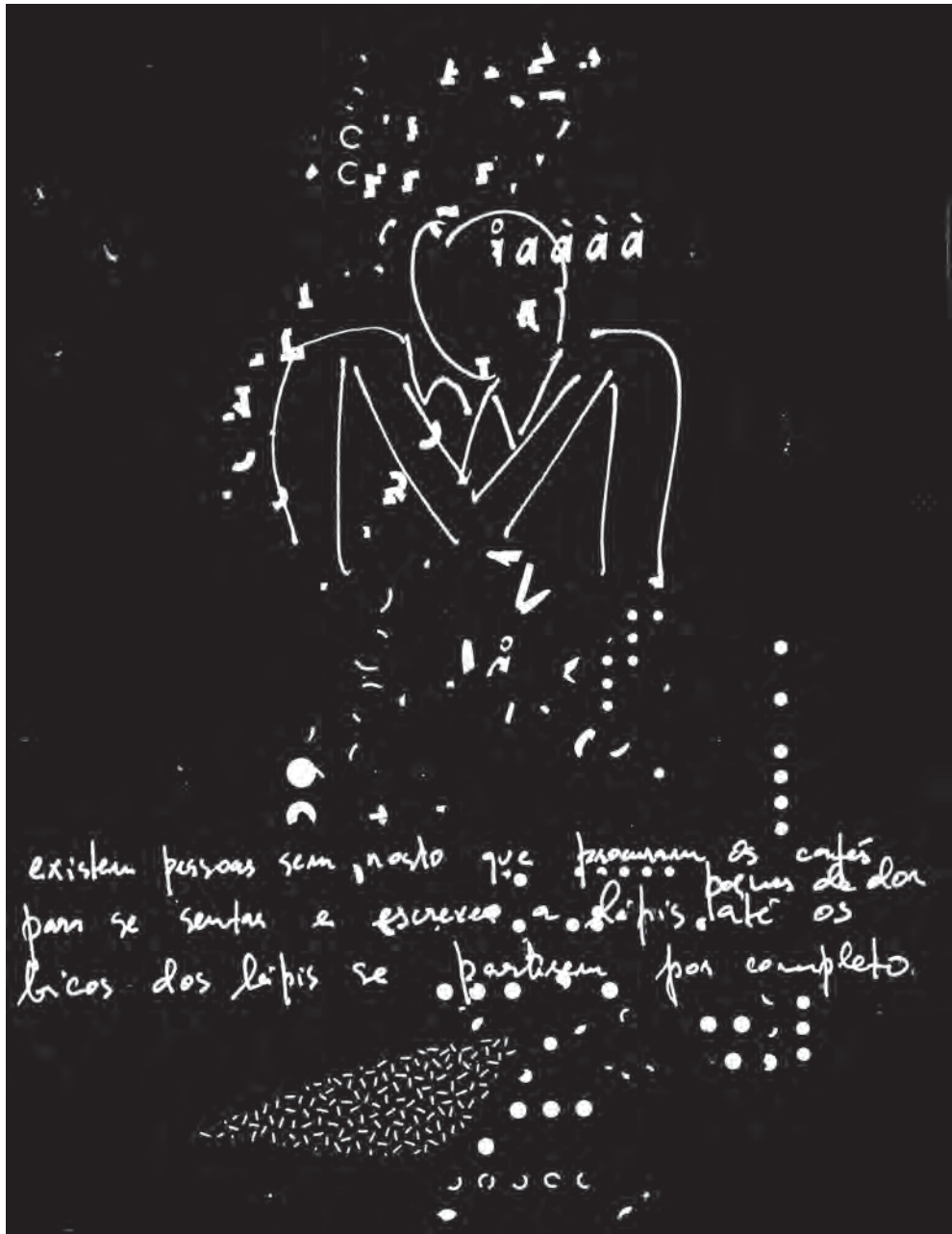
### **III - Angústia**



**existem pessoas sem rosto que  
procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem**

Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposta segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias. Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposta segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias.

**existem pessoas sem rosto que  
procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem**



## **IV - O pião**





**embarco  
e  
navego  
oceanos  
gente  
um  
espelho  
o peão da escrita  
continentes de pausa  
tempestades de navegação.**

**Uma bica e duas amarelinhas  
mais duas que agora pago eu  
marcas vermelhas  
do feno rubio e o alecrim  
a festa dos passos  
fogo, glória e cristal.**

**os tiques  
da  
pátria  
.**

